

# A SEMANA

## CORTE

Trimestre..... 2\$000  
Semestre..... 4\$000  
Anno..... 8\$000

**PUBLICA-SE AOS SABBADOS**

## PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000  
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

## SUMMARIO

Expediente.....	JOSÉ DO EGYPTO
Historia dos sete dias.....	
Politica e politicos.....	L. MURAT.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
Os nossos livros.....	ARARIPE JUNIOR
Soneto a premio.....	
« A arena! ».....	L. DELFINO.
Gazetilha Litteraria.....	
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Um soneto de Richepin.....	
Questão interessante.....	
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Poesia e poetas.....	L. MURAT.
Theatros.....	
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

## EXPEDIENTE

Ao Sr. Antonio Luiz do Couto, ex-agente d'A Semana em Nictheroy, rogase o obsequio de vir a este escriptorio, para prestar contas da cobrança de assignaturas d'esta folha naquella cidade.

## A SEMANA

Rio, 22 de Agosto de 1885

### HISTORIA DOS SETE DIAS

Lêmos e relêmos, virámos e revirámos, mechemos e remechemos todos os jornaes da semana, á caça de acontecimentos historiaveis; varejámos o sotão da memoria a ver se lá encontraríamos qualquer cousa que houvesse escapado aos reporters; mas tanto n'esta como naquelles só encontramos — politica.

As proezas gambias dos Bargossi, que a estas horas estão em S. Paulo, mostrando á terra dos Andradas para o que servem as pernas; a festa da Gloria, que foi este anno de um brilhantismo excepcional, com todos os attractivos que ha dez annos faziam d'essa festa a mais ruidosa e popular da Côte; o roubo no Consulado Portuguez, que durante 48 horas assumio as proporções de um escandalo X. P. T. O., a controversia hyppica sobre a procedencia da *Icaria*, interessante animal que o Sr. Lemgruber afirma ser nossa patricia — salvo seja! — contra o parecer de outros respeitaveis *sportmen* e á qual todos perguntam como na chistosa parodia da *Judia*, de Thomaz Ribeiro:

« Onde nasceste, em que paiz brincaste,  
« Onde deixaste teu querido pae?  
« No Porto, em Braga, em Macacú, na China?  
« Pobre menina, que tormento, ai, ai! »;

as explicações do maestro Ferrari em dô de peito sobre a fuga do *carissimo* Tamagno e a sua substituição pelo

Marconi, que, se como tenor não é tamanho, substitue-o sem escandalo, embora com difficuldade; emfim, todos os factos da semana mingoaram, summiram-se deante da Crise e queda do ministerio Saraiva e da subsequente ascensão dos *casquados* ao poder.

De forma que, por mais que o ministro e secretario de Estado dos negocios da *Historia dos sete dias* queira respirar a inviolabilidade das attribuições dos seus collegas encarregados da pasta *Politica e politicos*, não pode deixar de invadir-lhe a seára.

A ascensão do partido conservador ao Poder não despertou, lá para que digamos, um enthusiasmo extraordinario.

Aquillo eram favas contadas.

Ha muito tempo que os liberaes se conservavam no poder por obra e graça de Alguem, que é o Espirito Santo d'estas brazileas plagas.

Hão de estar lembrados os leitores que por occasião da crise a que o Sr. Lafayette deveu a inspirada fortuna de ser presidente do conselho, o sapientissimo Alguem chegou a dizer aos chefes liberaes: — Então, senhores! dê-me um homem; o paiz não pode ficar sem governo! Sua Magestade vingava-se e vingou-se da accusação de conservatorismo que lhe faziam os homens da «Reforma ou Revolução», fazendo com que o partido cahisse do poder — por falta de homens, que elle se *dissolvesse* por si mesmo.

Ora a podridão que devastava e roia irremediavelmente esse partido inglorio e funesto, verdadeiro Zé Caipora governamental, agravava-se visivelmente, dia a dia, manifestando-se nos tremendos abcessos que a *Historia* registrará sob os nomes de Sinimbu, Martinho Campos, Lafayette, Paranguá e Saraiva. O paiz via o proximo fim lamentavel d'esse partido que, como Saturno e as gatas, devora os proprios filhos. E esperava-o, compungido e amedrontado. O partido conservador, convencido d'isso tambem, e a exemplo de Sua Magestade, fez ao governo a guerra do silencio, a campanha do abandono, conservando-se pacatamente á espera da morte *natural* do seu adversario para saltar á boléa da caranguejola do Estado.

Esse dia chegou: foi o 19 de Agosto de 1885.

Em meio do apodrecedouro liberal um homem surgiu, cirurgião humanitario e energico, que procurou á força de dedicacão e de insano labor salvar aquelle moribundo.

Injectou-lhe nas veias um principio, o mais bello principio do seu conspurcado e roto programma e receitou para salvacão do enfermo e da patria — o projecto 15 de Julho. Em vão!

A syphilis terciaria da politiquice aldean tinha invadido as cellulas cerebraes do doente. O infeliz não podendo comprehender a efficacia do medica-

mento receitado nem a sabedoria e a dedicacão do seu medico recusou-se ao tratamento; rejeitou o medicamento e o medico.

O Sr. conselheiro Dantas retirou-se então, dignamente, sendo acompanhado até á porta de sahida dos conselhos da Coroa pelos applausos da imprensa e pelas benções de uma raça.

Sahio de S. Christovão e entrou logo directamente na *Historia*, aureolado e tranquillo.

A saturnal parlamentar continuou; para terminar vergonhosamente pela subida do Sr. Barão de Cotegipe e com elle o partido conservador.

Quantas reputações não devorou a situação liberal!

Quantos homens inutilizados por ella! Voltará algum dia ainda ao poder o partido que tem a honra de contar entre seus soldados A. de Siqueira, Zama, Zé Pompeu, Sinimbusinho, Rodrigues Junior, Felicio e outros que taes? Não o crêmos.

Formar-se-á naturalmente um partido novo em que poderão alistar-se alguns ou muitos liberaes, mas o partido que com este nome *degringolou* do poder a 19 do corrente — esse não voltará mais a cavalgar a burrinha do governo.

Nestas condições não póde o paiz deixar de receber a volta dos conservadores ao poder com sympathia, e de fundar nesta nova phase politica todas as suas esperanças.

Choremos a morte dos liberaes com lagrimas... de foguetes.

JOSÉ DO EGYPTO.

### POLITICA E POLITICOS

Depois de haver appellado para os chefes mais proeminentes do partido liberal, o imperador chamou o Sr. Cotegipe para organizar o ministerio.

S. Ex. accitou o encargo. Os liberaes depois de oito annos de governo cairam sem haver assignalado a sua passagem pelo poder com uma só reforma que se impuzesse á memoria do paiz.

Durante oito annos o espirito publico olhava espantado para aquelles loucos com receio de que elles se tornassem furiosos.

Este lapso de tempo, que é uma vergonha para a bandeira do partido liberal já tantas vezes enxovalhada pela ineptia, quando não pela insensatez dos que se arregimentam á sua sombra, cahio rota sem achar um só homem que a pudesse suster e hastear de novo como uma reliquia sagrada, como um thesouro tradicional por cuja honra era preciso velar.

Partido sem tradicções, emblema de renegados que não souberam manter illeza a honra dos seus antecessores,

deixou o poder para nunca mais re-havê-lo.

Parce incrível que durante tanto tempo, esse partido só encontrasse em seu seio um unico homem que tivesse a dupla coragem de ter idéas e de expol-as francamente, e de sustentar um programma politico.

Porém, como todos os partidos monarchicos, inapto para comprehender qual o escopo que haviam gravado no lábaro que embalava os seus velhos soldados como uma phalange de gigantes, os liberaes de hoje que já haviam tantas vezes conspurcado a memoria dos liberaes de outros tempos, prestaram um apoio sincero aos seus adversarios para derrubarem o unico estadista a quem não faltou coragem e valor para agitar uma idéa que vinha ullulando das camadas mais profundas que formam por assim dizer a base definitiva da constituição politica e social do paiz.

A queda do ministerio presidido pelo Sr. conselheiro Dantas, implicou a queda do partido,

Quando elle cahio arrastou consigo os seus correligionarios politicos que não quizeram vér n'elle o unico homem capaz de levantar a memoria extincta dos liberaes da Constituinte e salvando a situação, salvar o paiz.

Por qualquer lado que se discuta a queda do partido liberal e a consequente ascensão dos conservadores ao poder, tem essa queda como causa efficiente, a questão do elemento servil, preocupação unica dos governos e a maior aspiração nacional.

Se é isto verdade, se a causa é esta, não é difficil prever-se qual será o fecho d'esse drama politico, onde se encontram um defronte do outro, o governo que não quer a reforma e o povo que a exige.

Tambem não é difficil constatar dos dois factores, ambos virtuaes nos seus elementos intrinsecos, qual será o que possui as qualidades necessarias para impor a sua vontade ao outro.

O governo imperial ha de submeter-se, o governo imperial temporariamente hade consorciar-se numa fusão hybrida com a subita transfiguração e multiplicidade crescente dos germens democraticos, que jazem no fundo moral de cada povo e fazer a reforma, se não quizer ser victima da sua temeridade e da obstinação em não querer resolver um problema de onde decorre a felicidade commum do paiz.

E' porisso, e mais, em consideração aos factos que se agglomeram em torno d'esta questão que de dia em dia reveste um character mais serio e mais complicado, que nós acreditamos que os conservadores, longe de serem um obstaculo á realisação da reforma, serão uma garantia para que ella se faça naturalmente, sem perdas, nem violencias da parte d'estes dois elementos: o constitucional e democratico.

Além d'isso, estas palavras do Sr. presidente do conselho: o partido conservador *póde, quer e deve* fazer a abolição nos autorisam a dar ás nossas considerações um cunho de verdade que não acreditamos poderem ser desmentidas mais tarde, salvo uma contradicção do governo.

O amor de si mesmo, dizia J. J. Rousseau, é o unico movel que faz agir os homens. Quando um povo vé n'uma idéa, a sua propria natureza desdobrando-se e objectivando-se, por mais serios que sejam os obstaculos que se interponham á sua realisação e inesperados e adversos os acontecimentos, a idéa desenvolve-se, enraiza-se, fixa-se na consciencia de todos de maneira a constituir uma harmonia de pensamento e de acção e a tornar-se lei no momento preciso.

Assim acontece com a abolição do elemento servil.

O povo conseguiu fazer d'esta idéa o objecto permanente das suas esperanças, o movel que o impelle para a conquista definitiva das suas liberdades.

Por consequencia é logico e é prudente que os conservadores depois do deploravel governo liberal, tornem uma realidade as palavras com que um dos seus chefes mais proeminentes o mesmo que é hoje presidente do conselho, inaugurou a nova phase politica: *O partido conservador, póde, deve e quer fazer a abolição.*

LUIZ MURAT.

### CARTAS DE LISBOA

Como todas as obras do Sr. Columbano, tem esta a qualidade, entre nós de primeira ordem, de despertar mais do que as de qualquer dos seus collegas a attenção e a discussão do publico. Os quadros d'este artista têm effectivamente o quer que seja de singular, de não visto, de pessoal, que mesmo os que não gostam e os que chegam a dizer que aquillo não é arte, todos lhe reconhecem talento.

— Talento tem elle, dizem; isso é inegavel. Assim elle quizesse...

Ha realmente neste quadro do Sr. Columbano qualidades de um grande talento de artista, sobretudo qualidades de factura e ha principalmente uma individualidade pujante e indiscutivel.

Ninguém,—é minha convicção—por mais ignorante no assumpto, examinou ainda aquella grande tela, que não se sentisse possuido de mais ou menos admiração pelo autor. Nenhum dos que até hoje negaram as suas qualidades de artista, deixou de modificar consideravelmente a sua opinião perante essa obra estranha, que faz lembrar as grandes composições cívicas da escola hollandeza, de todas as antigas e modernas, aquella com que o Sr. Columbano tem mais pontos de contacto, comquanto seja ao mesmo tempo artista inteiramente da sua época.

O publico portuguez, habituado aos retratos de familia directamente oriundos da photographia colorida, em que as figuras têm um ar de automatatos, em que os tons brilham como n's pinturas de taboleta, o publico sente-se impressionado com espanto diante d'aquellas figuras, agglomeradas para ali ao acaso, fazendo manchas salientes no fundo claro da tela, e que de tal modo têm vida e realidade, que nem lhe parecem pintura; e, convencido de que em verdade a pintura deve sempre ser pintura, sente no entanto que—lá que aquillo é bem feito, isso é que não tem questão—; e de vez em quando passam-lhe na mente umas desconfianças de que aquillo que lhe ensinaram a considerar pintura, não passe de uma borrocheira...

E' realmente notavel este quadro do Sr. Columbano. Apesar dos seus defeitos, defeitos consideraveis como veremos, se pensarmos que elle representa nada menos de 14 pessoas de tamanho natural, e que foi feito em 18 dias, que alguns retratos, e dos meliores, tiveram uma só sessão de algumas horas, se virmos que entre esses retratos ha alguns de mestre, parece-me que ninguem me contestará que esse quadro é o mais importante na pintura portugueza desde Sequeira até hoje.

E' em todo o caso uma obra de primeira ordem e que marcará de futuro um termo na historia da arte portugueza.

Como factura tem este quadro pedaços de primeira ordem. As cabeças de

Christino, Malhoa e Gyrão e especialmente a primeira, são tocadas com uma frescura superior a tudo o que o artista tem apresentado até hoje. Como retratos, Gyrão e Vieira são extraordinarios. São magnificos Malhoa, Vaz, Rafael, Alberto de Oliveira e o Manoel.

Os restantes, dos quaes dois pintados por photographia, são menos felizes. Nas roupas e accessorios ha ainda algumas consas bem indicadas, mas é evidente que o artista deu aos rostos toda a attenção e o pouco tempo de que dispunha, como era de justiça.

Mas de ter pedaços de primeira ordem segue-se que seja um quadro de primeira ordem? Não se segue. Porque na execução dum quadro não é sufficiente pintar bem cada uma das suas partes isoladamente, é preciso, é absolutamente necessario que essas partes conservem entre si as relações reaes de grandeza, de cor e de luz, por outra, é necessario que se observe a perspectiva linear e a perspectiva aerea. É por que o Sr. Columbano continua a não reconhecer a necessidade d'essas pequenas cousas que se estudam nas escolas, que o seu quadro não é um quadro, ou, se quizerem, é um máu quadro.

Das trez figuras do primeiro plano, as que estão do lado de cá da mesa, Gyrão tem o tamanho natural, Malhoa e Vieira são maiores; e são tambem maiores que o natural Christino e Manoel. Silva Porto é mais pequeno.

Ha figuras no segundo plano muito mais acabadas que as do primeiro, especialmente o Manoel, o qual tambem não tem os pés no chão. Gyrão, que tinha sido pintado apoiado ao lado transversal da mesa, que o artista depois continuou (para que?) até ao fim da tella, não se comprehende que tenha a mesa por detraz, a não ser que naquella sitio ella seja cavada sufficientemente em volta do corpo. Finalmente a composição não tem harmonia, como succedia no projecto primitivo que o artista abandonou não sei porque.

As figuras estão para ali a troche-moche e vé-se que foram pintadas cada uma isoladamente sem que nenhuma faça suppôr a existencia da sua vizinha.

Não ha ar no fundo, parecendo que algumas figuras estão agarradas á tela.

Emfim o artista mostra-nos as qualidades que já lhe conheciamos e os defeitos tambem. Se aquellas progridem, estes não diminuem. Parece que, querendo afastar-se o mais possivel da rotina, de fazer como os outros,—e não tenho senão que louval-o por isso porque querer fazer como os outros é abstrahir de ser artista—, leva o principio ás ultimas consequencias, desprezando as regras essenciaes da arte, com que muitos se contentam á falta de talento. Infelizmente isso não póde ser.

Não ha arte sem regras. E agora me parece ter adivinhado a significação do sorriso enigmatico que elle se deu no seu retrato. Depois de pintar o seu quadro, pensando na unidade da composição, na perspectiva e noutras cousas mais, o artista respondeu com os seus botões: sim, tudo isso é bom para os asnos: *moi, je m'en fiche...*

Pois é pena; realmente é pena.

Em frente do quadro do Sr. Columbano ha uma tela do mesmo tamanho pintado pelo Sr. Malhoa. Representa uma vista do Alfeite ao raiar da manhã. A linha do horisonte divide o quadro ao meio. Em baixo o brejo quasi num só plano, onde o esqueleto d'uma barcaça serve de pouso á passadeira que começa a bater as azas aos primeiros alvoses da luz. Em cima o céu avermelhado, reflectindo uns tons roseos pela agua, o que dá ao quadro uma tonalidade fresca, matinal. Em

razão da pequena successão de planos e da simplicidade das suas linhas e ainda das suas dimensões, o quadro é pouco decorativo, parece grande de mais.

O artista esqueceu-se, assim como quasi todos os seus companheiros, das condições especiaes em que devia ser visto o seu quadro, e pintou como se se tratasse d'uma tela de cavalete. Dahi vem que, comquanto o quadro tenha qualidades, o Sr. Malhoa podia fazer melhor e tem feito.

Segue-se um pequeno quadro, do mesmo artista, ao alto, occupando uma pequena face da parede que faz angulo com a outra. Umas olaias em flor, um bando de andorinhas e a torre esguia duma igreja preenchem este quadro, que é um simples pretexto para a parede não ficar nua.

Segue-se uma payzagem do Sr. Silva Porto. Representa um sitio agreste dos arredores de Lisboa. Um vale circundando um pequeno monte que se eleva á esquerda no primeiro plano e em que algumas velhas e enormes oliveiras elevam a sua forte corpulencia. Ao meio do quadro e no segundo plano uma faia enorme sóbe, esguia, alva, delicada. Fecham o fundo algumas faias mais pequenas e outras arvores no cimo d'um outeiro que vindo da direita se esconde atraz do outro, em curva. Duas cabras encarapitadas no monte da esquerda pastam por sobre um riacho que corre invisivel no fundo do vale coberto d'uma bella vegetação verde.

E' verdadeiramente rustico. Sente-se que é pintado por um artista que comprehende e ama a natureza. E' decorativo, é magnifico, é magistral.

Em frente uma payzagem do Sr. Christino. Composição agradável e muito decorativa. Um ribeiro, atravessado por uma ponte, parallelá ao quadro. Da margem direita sobem grandes choupos recortando a athmosphera; na esquerda e no primeiro plano umas lavadeiras na sua lide. Ao fundo massa de arvoredo e umas montanhas azuladas. Parece scenographico tanto no sentimento decorativo como na factura um tanto molle que é pouco de admirar num artista que é principalmente gravador e só pinta as raras vezes que as suas occupaões lhe deixam algumas horas livres.

Segue-se um quadro de Gyrão, representando uma scena em que entram todos os seus animacs predilectos. Num canto de capoeira, alguns coelhos entretêm-se com folhas de couve e outras hortaliças. E em cima de uma paliçada que fecha o angulo das paredes e coberta de hervagens está uma galinha acorçada e junto um bello gallo em pé, numa attitude de valente, de pimpão, que me fez lembrar trez interpretações d'esse bello animal, da minha especial sympathia, por trez artistas celebres; e são o gallo fanfarrão de Rubens (Le coq et la perle), o gallaró quichotesco de Daubigny (L'aurore), e emfim o gallo heroico, ia a dizer epico, de Jacquemart (1º vol. da société des aquafortistes). O gallo do Sr. Gyrão é simplesmente um pimpão como todos os gallos, mas admiravelmente desenhado e bem pintado. E' este o melhor quadro que conheço do auctor. E' um quadro excellente, e que lhe deixaria nome, ainda que não fizesse mais.

Em frente d'aquelle, temos uma marinha do Sr. Vaz, representando uma

vista do Tejo á tardinha. Na agua serena e pardacenta faz mancha um grupo de dois grandes barcos com as velas brandas e um bote preso a um d'elles. Mais em baixo uma linha de casaria com perfil pouco accidentado separa a agua do céu. D'uma tonalidade pallida, de ponte, e d'uma grande sobriedade de linhas, o quadro do Sr. Vaz, além de ser muito decorativo, é uma composição muito agradável, dando uma impressão justa de serenidade e descanço perfeitamente em harmonia com o assumpto.

Do outro lado segue-se um pequeno quadro do Sr. Columbano, collocado por cima da porta para os bilhares. Representa o retrato do dono da casa, com um fundo de casaria á maneira dos mestres da Renascença, e tendo no canto superior da direita em forma de brazão a marca da casa — o Leão de Ouro.

Segue-se um quadro estreito e ao alto do Sr. Vieira. Representa um vaso de flores em cima d'uma mesa, tendo para fundo um reposteiro de seda amarella.

Nunca este artista fez melhor. Tanto as flores como a seda são admiraveis. E eu julgo este, depois do quadro do Sr. Silva Porto, o mais perfeito d'esta exposição.

Em frente temos finalmente um quadro originalissimo do Sr. Rafael Bordallo Pinheiro. Original até no feito, pois por causa dum bico de gaz o quadro é na parte inferior cortado em semicirculo reintrante.

Começamos pelo grupo e por elle acabamos. Se o Sr. Columbano o tratou meio a serio, Raphael Bordallo, como era de esperar tratou-o francamente a rir. Se não, vejamos:

Por detraz e por cima do leão, que, sentado pachorrentamente, encostado á mesa, pernas traçadas, empunhando o cachimbo numa mão e na outra um copo de cerveja, dorme — com os olhos abertos —, desenhou o artista numa graciosa composição á Grandville as figuras que lhe povoam os sonhos ou o — sonho do leão.

O Manoel e o patrão seguram uma planta phantastica, de cujas flores emergem o rotundo Ramalho e o Vieira reinado. Por cima d'aquelles, Rafael corre á desfilada montado no seu gato predilecto empunhando o lapis *terribil*.

Columbano, verdadeiro retrato, o melhor que conheço d'elle, empunha a sua enorme palheta a cavallo num pincel. Alberto de Oliveira, com a grande cabelleira ao vento corre a apresentar um catalogo ao leão. Por cima Silva Porto, numa *charge* esplendida, monta uma vacca, com as maneiras correctas do Sr. Visconde de S. Januario. Malhoa corre á desfilada com um tronco de arvore ás costas. Vaz cavalga um barco voltado. No meio d'este charivari Christino safase com o seu chapéu de chuva aberto, contra o que der e vier.

Finalmente, Gyrão monta um gallo phantastico, precedido de uma enfiada de patos, dos quaes o primeiro é o Sr. Pinto todo empertigado, e seguido de uma fila de coelhos levando cada um seu pincel ás costas. Como vêm, a composição é em tudo digna do talento do auctor. Mas o mais curioso é que tudo isto é pintado em tela, mas fingido ser feito em azulejos; e com tal perfeição que muita gente para acreditar vai certificar-se com a mão.

Chegámos ao fim e não sem tempo, não é verdade?

Só me resta esperar que os leitores me chamem antes massador a mim que ao assumpto, que eu por mim prometto emendar-me... para a outra vez.

EMYGDIO MONTEIRO.

Talento e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas no mesmo homem.

TH. BRAGA.

## OS NOSSOS LIVROS

« TROPOS E PHANTASIAS »

E' o titulo de um pequeno livro escripto com estylo em Santa Catharina por dois moços que nunca de lá sahiram, Virgilio Varzea e Cruz e Souza.

Nesse facto está o seu maior elogio. Em verdade, publicar um trabalho litterario em uma terra, onde a imprensa mal serve para o escoamento do expediente das repartições publicas e da intriga, já significa alguma coisa, muito mais ainda, se esse trabalho tem colorido e recommenda-se por uma fórma até certo ponto nova, cuidadosamente rebuscada.

Os Srs. Varzea e Cruz e Souza deram pois, uma prova de vitalidade não succumbindo á acção de um meio tão ingrato como é aquelle dentro do qual acham-se mergulhados; mostram talento pondo-se, atravez de tantas difficuldades physicas e moraes, em contacto ou em relações de sympathia com os espiritos que dominam o nosso seculo litterario.

Os *Tropos e phantasias* quando outra qualidade não tivessem seriam objecto de curiosidade pela audacia que revelam. Seus autores, filiando-se á escola naturalista, atiram-se ás formas litterarias cultivadas por E. Zola e Eça de Queiroz com um enthusiasmo phrenetico so comparavel á anciedade e aos delumbramentos de *pioneur* que pela primeira vez penetra em uma jazida aurifera.

D'ahi uma consequencia. O estylo ressentese das irregularidades e incongruencias que se encontram na primeira phase de todo o desenvolvimento organico. Atrophias e hypertrophias, que só virão a desaparecer com a integração final.

Completamente despreocupados das radicaes do pensamento os Srs. Varzea e Cruz e Souza fazem com a phrase, com o periodo o mesmo que os miniaturistas com os seus artefactos. Pouco se importam que a lamina da espada brilhe ou corte com tanto que os copos offereçam aos olhos de quem a empunha uma obra de buril cheia de magicos rendilhados.

As paginas, os pequenos contos do lio vrinho que tenho em cima da pasta nã-passam portanto de fragmentos de talentos, que ainda não tiveram tempo de compor-se. A palavra, o periodo está completo, perfeitamente afinado pelo diapassão da escola; mas sente-se que no meio de todo aquelle jogo de expressões, de imagens, de idéas esfusiadas falta alguma coisa essencial.

Essa coisa é o complemento da vida na phrase; — é a certeza ou o isochronismo da funcção resultante do perfeito accordo entre o pensamento e a palavra, de modo que esta não seja mais intensa do que aquelle, e vice-versa.

O tempo se encarregará de corrigir esse defeito. Quando amadurecido o espirito dos autores pelo exercicio e pela observação dos factos exteriores, não lhes custará substituir a emphase pela expressão exacta e profunda.

Ha uma verdadeira e real classificação para o estylo d'esses moços:—um ensaio de coloridos, de tintas acres, em uma palheta empunhada por mão nervosa.

Percebe-se da primeira vista que os dois pintores ainda não dispõem do segredo da união dos grupos ou partes diversas que compõem a payzagem.

ARARIPE JUNIOR.

O poeta é pastor, juiz, propheta, apostolo.

V. Hugo.

### SONETO A PREMIO

(Vide ns. 28 e 31 d'A Semana)

Temos recebido até esta data 31 sonetos.

A 11 de Setembro proximo encerrar-se-á este concurso. Na *Semana* do dia 5 serão publicados os nomes dos trez escriptores que devem julgar-o, conferindo os premios aos tres sonetistas vencedores.

Esse julgamento será feito pela fórma seguinte: Todos os sonetos serão copiados pelo secretario d'esta redacção e, sem as assignaturas dos auctores, mas apenas numerados, serão remetidos ao primeiro dos julgadores; este, classificará pelos seus respectivos numeros os sonetos que devem receber os tres premios designados. A Redacção guardará essa classificação do primeiro julgador e remetterá os sonetos ao segundo e por fim ao terceiro. D'esta fórma não poderão elles saber quaes os auctores dos sonetos que têm de julgar.

Recebemos durante a semana os sonetos dos seguintes Srs.:

José Celestino de Aguiar, Julio d'Alva, Pulvis, Gastão Plinio, A. de Farias, Luiz Murat, Carlos Ferreira, Soares de Souza Junior, Nemo, Alberto Silva, Alfredo de Souza, Arthur Mendes, Alberto de Oliveira, Candido José de Araujo, Cincinato Guterres e Ernesto Jobial.

Para que a mãe tenha fé é mister que o filho tenha pão.

V. Hugo.

### A' ARENA!

(EXCERPTO)

Ha sobre nós um braço omnipotente,  
Que ninguem vê, que todo o mundo sente,  
Que tem a força indomita e fatal;  
Que leva os mundos sideracs, que leva  
As nações pela historia em luz ou treva,  
Que ás vezes mostra um dedo colossal...

Deus, Justiça, Razão, ignota força,  
O sol treme sob elle, como a corça  
Ante o jaguar; os mundos, como pó,  
Voão pelo segredo dos espaços,  
E o argueiro e o céu, entrecruzando os laços,  
Ata num grande, luminoso nó.

Ninguem foge a essa lei: chegada a hora,  
Nasce no sangue, e em lagrimas a aurora;  
Abre o tumulto d'ouro ao sol, e o sol  
Desce tremendo a fulva escadaria,  
Que é de escorralhos ultimos do dia,  
E de purpuras novas de arrebol.

Bateu a hora.—A' ponta d'esse dedo  
A estrella treme d'essa idéa: cedo  
Vai alagar de luz o espaço, vai  
Encher os valles, empapar o sólo,  
Derreter os grilhões de cada collo,  
Dar á familia sem familia um pai.

Não vos lanceis no meio do caminho...  
A terra vai-se abrir; o torvelinho  
Vai passar; ruge, enraiva-se o tufão:  
Sacode a chamma, como a crina a féra,  
E escancarando a boca da cratera,  
Abre um olho de cyclope o vulcão...

LUIZ DELFINO

Estas sextilhas pertencem a um poemeto inedito so re a Abolição, que ha muito nos foi prometido pelo seu illustre auctor; mas do qual apenas estas e poucas outras estrophes conseguimos obter.

N. da R.

## GAZETILHA LITTERARIA

Segundo os ultimos jornaes francezes, damos aqui em resumo o movimento de livraria havido ultimamente em França.

### BIBLIOGRAPHIA E HISTORIA

CH. D'HERICAULT.—*Les noces d'un Jacobin*. E' este o titulo de um jornal inedito trazido á luz da publicidade, e apresentado como trabalho de um tal Nicolas Ceyrat, mais conhecido pelo pseudonymo de Alcibiades e que foi secretario da seccão Mucio Scevola, em Saint Sulpice. O editor (Perrin) não garante a authenticidade dos documentos colleccionados.

MME. C. COIGNET.—*François I, portraits et recits du XVI siècle*. (Plon, Nourrit & C.)

GASTON GARRISSON.—*Le suicide dans l'antiquité et dans les temps modernes*. (Arthur Rousseau.)

### DIREITO

FELIX LAGNIER.—*Plaidoyers de Ch. Lachaud*.—Modelo de eloquencia judiciaria. (Charpentier.)

### BELLAS-ARTES

MAZE LENCIER.—*Le livre des collectionneurs*.—Livro de grande utilidade aos amadores de objectos de arte da antiguidade, hoje tão em moda. (Loones.)

GERSPACH.—*Verrerie*.—Profundo estudo sobre a origem d'esta arte desde a mais remota antiguidade até aos nossos dias. (Quantin.)

### VIAGENS

HUGUES KRAFFT.—*Souvenirs de notre voyage autour du monde*.

CLAUDE VIGNON.—*Vingt jours en Espagne*.—Este curto espaço de tempo foi o bastante para que o auctor adquirisse conhecimento sufficientes para a factura de um bom livro sobre os costumes do centro da Hespanha. (Monnier.)

### DIVERSOS

PRINCEPE LUBOMIRSKI.—*Une nouvelle religion*.—Revista da historia do christianismo. O auctor assignala-o como o unico perigo na época actual e aconselha a reforma da religião, dando-lhe por base uma nova crença que melhor se adapte ás exigencias sociaes e politicas dos tempos modernos.

EMILE FAGUET.—*Les grands écrivains du XVII siècle*.—Collecção de estudos dedicados á mocidade das escolas. (Lecène et Oudin.)

LUDOVIC DES VAUZELLES.—*Contes de la Villa-Coral*. (Librairie des bibliophiles.)

### ROMANCES

GALLA SALLE.—*L'héritage de Jacques Farruel*. (Hachette & C.)

EDOUARD SILVIN.—*Madame-Mère*.—Melodrama sob a forma de roman-

ce, em que se apontam os perigos a que está exposta uma enteada quando sujeita aos caprichos da madrasta. (Marpon et Flammarion.)

H. LAFONTAINE.—*Les bons camarades*.

### POESIA

JEAN LAW.—*Fides*; resposta ás *Blasphèmes* de Jean Richepin. (E. Dentu.)

GERMAIN LACOUR.—*Avec des rimes*. (Librairie des bibliophiles.)

J. BERNARD DE MONTMELIAN.—*Le Poème de Job*. Traducção em verso. (Alph. Lemerre.)

JEAN LAHOR.—*Le cantique des cantiques*. Traducção em verso. (Alph. Lemerre.)

JEAN AICARD.—*Dieu dans l'homme*. CHARLES FUSTER.—*Ame pensive*.

### PUBLICAÇÕES ANNUNCIADAS

GOURDON DE GENOUILHAC.—*Au Pays des neiges*. (Frinzine.)

ANGE BENIGNE.—*Dans le train*. (Olcendorff.)

MELANDRY.—*Boutique à 13*. (Dentu.)

A. MATHEY.—*Passé d'une femme*. (Dentu.)

CLÉMENT FAVIÈRES.—*Yocnel*. (Plon-Nourrit.)

BARON DE WOCHMONT.—*Nelly Mac-Edwards*. (Plon-Nourrit.)

EMILE BEAUSSIRE.—*Principes de morale*. (F. Alcau.)

BARON DE MONTAGNAC.—*Lettres d'un soldat*. Ainda em preparação. (Plon-Nourrit.)

E. ROBC.—*Étude sur les origines de la propriété en Algérie*. (Challamel.)

G. BARDET e L. MACQUERIE.—*Guide des stations balnéaires 2 volumes. Villes d'eaux de France, Villes d'eaux de l'étranger*. (Dentu.)

### OBRAS EM PORTUGUEZ

*Hugonianas*; collecção de poesias traduzidas de Victor Hugo. Edictor—Thesouro Nacional.

*Os Miseraveis*, romance de V. Hugo; edição em fasciculos pela Empreza Litteraria Fluminense.

*Estudos de litteratura contemporanea*; por Sylvio Romero; um vol. de 300 pags. (Edit. Laemmert & C.)

### COFRE DAS GRAÇAS

Um dos vendedores da *Revista Theatral* apregoava a folha, accrescentando em altos gritos:

— Traz o retrato do setimo quadro da *Theódora!*

Na aula de portuguez:

*Mestre*.—Menino Carlos, dê-me um exemplo de um substantivo derivado de *graça*.

*Menino Carlos*.—Não tem graça nenhuma.

X. moteja Y.

Z. auxilia-o e diz a Y. que elle é um tolo e um asno.

— Senhores, responde Y., eu nem sou asno nem tolo: *estou entre os dois*.

Fallava-se de um escriptor celebre pelo seu espirito:

— Não, elle não tem espirito: tem graça; diz um.

A discussão anima-se.

— Mas, afinal, acode outro, qual a differença entre *espirito* e *graça*?

— A mesma que ha entre *perfume* e *odor*.

BIBIANO

## UM SONETO DE RICHEPIN

Em um dos primeiros numeros d'A *Illustração*, — o magnifico periodico artistico e litterario de que é director em Pariz Mariano Pina — publicou Jayme de Seguiet, o esplendido chronista, um artigo critico sobre as *Blasphemias*, de Richepin e nelle a traducção de um dos sonetos d'esse extraordinario livro: *Analyse*. Ha dias recebemos de Lucio de Mendonça, o nosso illustre e infatigavel collaborador, uma traducção d'esse mesmo soneto.

Será curioso confrontar com o original as duas traducções.

A de Lucio de Mendonça pareceu-nos mais fiel, reproduzindo rigorosamente, verso a verso, o pensamento do poeta; a de Seguiet mais brilhante na forma e tendo um termino mais feliz.

Offerecemos hoje á apreciação do leitor tanto uma como outra. Pelo exame confrontativo com o original firmará o leitor a sua preferencia entre as duas *analyses*.

## ANALYSE

O larmes, où s'en vont se noyer nos rancœurs,  
Comme un ciel orangeux, grondant, couleur de suie,  
Chargé de foudre, et qui soudain se fond en pluie;  
O larmes, ô la plus suave des liqueurs,

Quand un amant vous boit sous ses baisers vainqueurs  
Ainsi que le soleil après l'averse enflue  
Boit l'arc en ciel dans les nuages qu'il essuie;  
O larmes, diamants qui tombent de nos cœurs

Comme l'eau du matin tombe des fleurs brisées;  
Vauquelin et Fourcroy vous ont analysées,  
O larmes, et dans leurs creusets, sur leurs réchauds,

Ils ont trouvé ceci, tel que je vais l'écrire:  
*Eau, sel, soude, mucus et phosphate de chaux.*

O larmes, diamants du cœur! Laissez-moi rire!

J. RICHEPIN.

## ANALYSE

O' lagrimas, em que se vão nossos rancores,  
Qual procelloso céu, cor de sebo, troante,  
Electrico, e que evaa-se em chuva num instante;  
O' lagrimas, ô mais suave dos licores,

Quando vos bebe o amante a beijos vencedores,  
Qual bebe o sol, passado o chuveiro, anhelante,  
Pelas nuvens que enxuga, o arco-iris brilhante;  
O' lagrimas, que assim cahis de nossas dôres

Como o orvalho da flor cahe do quebrado calice;  
Vauquelin e Fourcroy fizeram-vos a analyse,  
O' lagrimas, e os dois, no chrysol, afinal,

Encontraram, por juncto, o que aqui vae escripto:  
Agua, sal, soda, mucos e phosphato de cal.  
O' lagrimas, ideal roscio d'alma!... Bonito!

LUCIO DE MENDONÇA.

## ANALYSE

O' prantos, em que vão diluir-se os rancores  
Assim como se funde e se derrete em chuva  
Um céu negro e fatal como um crepe de viuva!  
O' prantos, ô mais suave e doce dos licores,

Quando um beijo vos sorre em labios seductores,  
Como o sol quando põe a tempestade em fuga,  
Do prisma haure o esplendor nas nuvens que elle enxuga!  
Prantos, astros de luz, que tombaes sobre as dores,

Como o relento cae sobre as corollas mortas!  
Vauquelin e Fourcroy acharam nas retortas  
Toda a composição do vosso fluido ideal.

Aqui está o que os dois vieram a descobrir:  
Agua, sal, soda, mucos e phosphato de cal.  
Prantos, perolas d'alma, ora deixem-me rir!

JAYME DE SEGUIET.

## QUESTÃO INTERESSANTE

Tem o marido o direito de abrir as cartas da mulher?

Respondo distinguindo:

1.º Ou a mulher é ingenua,  
2.º Ou é maliciosa.

No 1.º caso — deve abrir.

Como seu protector natural, deve tirar-lhe do caminho os ardis dos mãos. Alma pura, innocente, confiante, é facil prestar ouvidos ás seducções. Se o marido não vier em seu auxilio, terá razão de queixar-se?

No 2.º caso — deve abrir.

Tirem do ladrão as occasiões, que os furtos acabam-se, por que a occasião é que faz o ladrão.

Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido?

Não.

O homem quasi nunca, ou nunca presta — no sentido de fidelidade conjugal, está bem entendido.

Isto já é mal antiquissimo, rebelde a todos os remedios.

Tenha o sexo feminino santa paciencia, mas... quem nasce torto, torto morre.

E para que irão as mulheres procurar afflicções, motivos de desgosto e desganhos?

Olhem: lendo as cartas dos maridos 90 % lhes acontecerá isto.

E o que os olhos não vêm o coração não sente.

Fechem os olhos, minhas senhoras.

Falo com experiencia propria. Fui casado duas vezes, com mulheres de caracter differente.

Minha primeira mulher era uma pomba sem fel.

A segunda era fel com pomba.

Sempre lhes abri as cartas e tive occasião de verificar a exactidão de minha theoria.

Minha segunda mulher tinha o mau habito de ler-me as cartas: vivia ralhada de desgostos — coitada!

A primeira sempre me teve no mais alto conceito... porque não quiz já-mais saber da minha correspondencia epistolar.

Um viuvo de 62 annos.

3 Agosto de 1885.

« A nós parecee-nos que sim, ambos têm egual direito. Mas não o devem fazer.

Os conjuges devem manter plena confiança; deixando de haver essa reciprocidade, está em duvida o lar. »

Redacção do *Correio de Santos*. (N. 36, de 12 de Agosto).

## BELLAS ARTES

Pedro Peres expoz, na semana, passada seis pequenos quadros, na *Glacé Elegante*.

Gosto d'esses pequenos estudos, feitos com exactidão, largos, despreocupados e pessoases.

Digo pessoases, porque Peres, em toda a sua pessoa, com seus defeitos e boas qualidades, com o seu *arsinho* ironico, a ponta queimada do cigarro entre os labios, apparece alli, n'aquelles estudos.

Entre os seis quadros, ha um esplendido perú que nos faz lembrar o *Vieux Coq* de Bracquemond, aquelle *vieux Don Juan* ao qual falla o poeta:

*Toi même tu seras*

*La pierre du festin fait a tes funérailles;*

*Et les courives, l'as*

*De livrer a ta chair de trop rudes batailles,*

*Se reposeront des dents et des bras.*

*Racontant á l'envi, tes amours, tes combats,*

O perú, de Pedro Peres, não está como o *vieux coq*, pensativo, scismando nos amores passados, com o olhar nostalgico e a attitudde cançada e farta; é ainda vigoroso e petulante; arrasta atrevidamente as azas que, asperas, riscam o chão como um desafio irrecusavel aos altivos rivaes. É uma valente ave, cuja cabeça tem uma bella crista encarnada, e cuja *pose* parece ameaçar de novas conquistas amorosas, ás timidas peruasinhas.

Que d'elle se livrem as incautas!

Creio que Pedro Peres não teve o intuito de fazel-o expressivo como Bracquemond fez o « velho gallo ». A obra do artista francez é a consequencia de uma poderosa intuição philosophica, producto de estudos sérios; no seu perfeito valor é uma obra, uma composição, emquanto o quadro de Peres é uma impressão.

Não pretendo estabelecer paralelo entre os dois trabalhos, porque isto seria absurdo; mas, vendo este pequeno quadro tão verdadeiro, tão exacto, tão caracteristicamente pintado, não me posso esquecer d'aquella esplendida obra de Bracquemond, que apenas conheço por uma gravura, e pela qual tenho a mais forte e a mais justa sympathia:

Os trabalhos expostos por Pedro Peres são de difficil execução poe serem estudos feitos ao ar livre, mas o artista venceu todos os obstaculos com rarissima habilidade. A *abolreira*, a *arapuca*, *conversa á janella*, e o *interior de uma ferraria* merecem particular attenção por parte dos entendedores de bellas artes.

Ha senões, eu sei, e os *analyses*, mas como os quadros, na sua primeira im-

pressão são bons, estes senões podem ser collocados á margem. Não tenho a pretensão de basofiar conhecimentos estheticos em tão ligeira noticia, o espaço é pequeno e o tempo não é longo.

Na *Casa de Wilde* fez-se uma exposição dos trabalhos do finado Gustavo James. A maior parte dos trabalhos expostos são marinhas, genero a que elle se dedicou, por longos annos.

Eu ainda não pude comprehender a harmonia de tintas uzadas por Gustavo James. O artista pintava o céu esbranquiçado ou roseo, e uzava do verde-mar para as aguas, o que provoca superioridade de tons nestas e inferioridade n'aquelle; quando James devia saber que o tom das aguas corresponde ao tom do céu ou ao tom dos objectos que as cercam, desde que sejam collocados em linha elevada.

Dos seus trabalhos expostos os melhores são os mais antigos, como a *jançada* e o *navio encalhado*.

Vê-se, claramente, que não faltava a James imaginação creadora. Aquelles dois quadros em que um naufrago é acompanhado por um cão fiel, são bastantes para provarem a sua imaginação mas, nem sei porque, esta qualidade foi pouco desenvolvida no artista, e elle mal soube aproveitá-la.

Um dos seus ultimos quadros— *vista da cidade do Rio de Janeiro, ao crepusculo*—faz-me lembrar um narrativa de Gigoux, sobre os *Artistas do meu tempo*.

Delaberge encontrou-se um dia com o auctor da *Morte de Leonardo de Vinci*, e mostrou-lhe um pequeno quadro no qual havia empregado muitos mezes de trabalho.

Era uma gingeira com todas as suas folhas e os seus galhos. Podia-se, com paciencia, contar essas folhas e esses galhos.

« Je lui fis observer— diz Gigoux— enriant qu'on pourrait peut-être élarguer des branches du cerisier pendant l'hiver, ce qui serait gênant pour continuer l'étude.

— J'ai prévu la chose, me repondit-il, et j'ai acheté le cerisier.

— Bien! répliquai-je; mais, si on allait battre quelques baraques contre ces murs!»

— Oh! j'ai également acheté les murs!» fit-il d'un air grave.

« Alors je l'examinai attentivement sous le coup de la plus pénible impression. Hélas! il avait les yeux égarés; la tête n'y était plus! Pauvre ami!»

Pobre artista! poderei dizer de Gustavo James. Elle, como Delaberge, morreu sem o uzo da razão, morreu num hospicio de alienados.

Em um estabelecimento de leques, á rua do Ouvidor, expoz o Sr. Facchinetti um panorama de Paquetá, pintado a *gouachi* sobre setim branco.

E' um trabalho consciencioso, feito, delicadamente, por uma adextrada mão de mestre.

Magistral!

ALFREDO PALHETA.

## POESIA E POETAS

O Sr. Alberto Silva é um poeta que acaba de estreiar brilhantemente. No seu livro intitulado *Matinaes*, a par de defeitos graves, gravissimos mesmo, encontram-se bellezas, verdadeiros raptos de imaginação, que lhe garantem mais tarde, um logar proeminente entre os poetas de raça do Brazil.

Desejaria fazer um estudo consciencioso sobre o seu livro, porém esta limi-

tada secção da *Semana*, só me permite que, de passagem, assignale as impressões mais profundas que me deixou essa leitura.

O defeito mais grave que encontrei nas *Matinaes* é certamente o abuso que o poeta faz da palavra. Este abuso, pode-se dizer sem receio, tem-se generalizado pela maioria dos que começam a versejar.

E a julgar-se por outros poetas, é facil de se concluir que o Sr. Alberto Silva dentro em pouco abandonará essa preocupação da terminologia rebuscada que torna o verso monotono, frio, sem espontaneidade, sem vida, sem sentimento.

Submettendo-o a uma simples questão de som, o verso retumba como um tambor, canta, porém brutalmente dentro das suas dez ou doze syllabas, sem exprimir nada do que sente o poeta, sem encerrar uma idea, sem vibrar uma emoção, sem estabelecer uma relação agradável entre o que recebe e o que transmittite a sensação.

O poeta não tem o direito de nos impingir o que elle não sente e não pensa realmente. Quando elle se preocupa com o termo, quando elle em vez de nos transmittir a sua idéa ou a sua impressão tal qual irrompeu das nuvens de uma recordação saudosa, de uma phase de sua vida, ou dos ninbos de uma aspiração que desperta reanimando a fibra mais intima do seu coração, a nota mais secreta da sua alma, elle ha de nos dar essa emoção, ha de nos dar essa idéa tal como ella é verdadeiramente, e não desfigurada por uma roupagem que lhe não assenta, como fazem as mulheres que se pintam, na persuasão de que esses preparados chemicos as tornam mais bellas e mais seductoras aos nossos olhos.

Conheci uma senhora, joven ainda, que se pintava da maneira mais escandalosa, a ponto de me causar uma certa repugnancia quando eu a via desfigurada pelo carmin, pelo pó de arroz e por não sei que mais.

Uma vez não me pude conter e notei-lhe o inconveniente d'aquelles enfeites que a tornavam aos meus olhos mais feia, e que, se fosse eu aquelle por quem ella escrupulisava no apuro das tintas para se oustrar ma s encantadora, que lhe affirmava serem preferiveis cores naturaes, macias e frescas que lhe ensombravam o rosto, do que todas essas postizas com que as mulheres se adornam tornando-as velhas em pouco tempo, resecando-lhes a pelle e alquebrando-lhes o rosto.

Não posso afirmar se seria eu realmente quem a obrigava ao uso d'aquellas tintas e d'aquelles pós, o que é factó é que d'ali por diante nunca mais a vi senão com as cores naturaes que o sol lhe emprestara ás faces e aos olhos. E como ella ficou mais bonita!

Assim é a poesia; deve ser natural, espontanea, sem periphrazes. A alma do poeta deve agitar-se ampla e livremente no verso, que não é senão um desdobraimento exterior de um certo e determinado estado psychico. Desde que elle rebusque a palavra e restrinja a sua actividade ao termo, a sua emoção não poderá dilatar-se nem adquirir esse vigor, essa elasticidade que subjuga o leitor e cõa-se pelos reconditos mais intimos da nossa natureza affectiva. O poeta que escolhe o termo, o poeta de dicionario, não consegue agradar, não consegue impôr-se a ninguem.

Ha de ser forçosamente frio, não concorrerá com o seu contingente para acalmar uma dor, para despertar uma esperança ou enxugar uma lagrima.

Lê-se-o e conserva-se sempre o mesmo indifferentismo ante aquella magnificencia de sons que nos dá a sensação de

um barulho confuso de instrumentos de sopro focados sem alma, sem expressão, sem gosto.

E tanto é verdade o que avanço que nas *Matinaes* encontram-se peças de subido valor, onde não ha o maldito termo a enfiar e a destruir o effeito que a poesia nos causaria se fosse natural, intima, sentida.

Lamento sinceramente não poder transcrever um d'esses trabalhos e confrontal-o com outros, para deixar bem claro quanto é menos agradável ouvir-se uma peça em verso onde só se encontra uma forma erradamente comprehendida, do que em outra onde se reconheça que o poeta sentio realmente o que escreveu, em que se reconhece que houve um impulso intrinseco que o obrigou a concretar num soneto ou numa poesia, um vago sonho que despontava no intimo da sua alma ou um desejo incoercivel que subitamente transfigurava a perspectiva calma do seu horizonte.

Comprimentando o Sr. Alberto Silva por tão auspiciosa estreia, aguardamos o seu segundo volume de versos, que com certeza, virá expurgado d'esse defeito, para nós aliás gravissimos, e que concorreu para diminuir consideravelmente o merito das *Matinaes*.

LUIZ MURAT

## THEATROS

Nestas ultimas noites o numero de espectadores no Polytheama tem sido inferior ao que vimos affluir a esse theatro quando começou a exhibir-se o Bosco, o formidavel pachiderme.

Entretanto a companhia dos irmãos Carlo varia o mais que pôde os seus programmas, e nos apresenta artistas de verdadeiro merito.

Tomy e Runhe Taro, dois japonezes valentes, fazem verdadeiras maravilhas.

Muitas vezes ao vel-os nos seus difficeis trabalhos de deslocação, nos parece assistir aos diversos movimentos de dois corpos de borracha.

Frank Brwon, o clonw inglez, cuja *verve* inexgotavel já é bem conhecida do nosso publico, provoca todas as noites grande hilaridade na platea com as suas engraçadas pantomimas.

Só o que não nos parece admissivel naquelle theatro, a par de trabalhos que se podem chamar assombrosos, são certos actos equestres, que de modo nenhum devem agradar, pois que são notaveis apenas pela sua antiguidade.

Os saltos a cavallo, hoje em dia, já estão sendo explorados até pelos quadrupedes do Salvini. Não seria máu, portanto, que a companhia dos irmãos Carlo, possuidora como é de tão bons artistas, prescindisse d'esses trabalhos, já muito vistos.

Desde que os irmãos Carlo nos apresentem, amiudadas vezes, trabalhos novos, como fizeram da vez passada, em que os seus espectaculos foram bem concorridos, é de esperar que a sua companhia prosiga em mar de rosas.

Demais, os irmãos Carlo possuem o Bosco, o seu dedicado pachiderme, o seu querido *Jornal do Commercio* e por isso é natural que tenham muitas venturas.

Desejamos-lh'as sinceramente,

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA

Na terça-feira, 18, representou esta companhia, a comedia em 4 actos de Giovanni Giordano: *Severidade e Fraqueza*, para reapresentação do commendador Cezar Rossi, que seria enfermidade havia por mais de um mez

afastado do palco do S. Pedro de Alcantara.

A casa, contraço que se esperava, estava quasi vazia.

Esse facto, em que não deve Rossi enxergar menospreço do publico, explica-se por estas duas razões: ser a peça uma simples comedia, sem fama, não sendo de auctor celebre entre nós; e não entrar na representação a Sra. Duse, que se tornou soberana absoluta da nossa platça.

A comedia é dos antigos moldes e podia terminar logo no primeiro acto, desde que foram exhibidos os typos opostos dos dois paes representando um a demasiada *severidade*, o outro a *fraqueza* demasiada.

Rossi conduziu e sustentou este ultimo com toda a habilidade e todo o *savoir faire* que lhe tem dado a sua longa pratica.

Foi muito applaudido e obsequiado. Na terça-feira proxima, 25, fará o proecto artista o seu beneficio, e, o nosso publico lhe mostrará então o muito apreço em que o tem.

A peça escolhida é a magnifica comedia de Goldoni — *Um curioso accidente*, em que Rossi desempenha importante papel. O resto do programma não é ainda conhecido.

Na quinta-feira — segunda representação de *Frou-Frou*, a deliciosa comedia-drama de Méilhac e Halevy.

Casa quasi cheia. Applausos estrepitosos, freneticos a Duse e Andó. Realmente a interpretação dada por estes dois artistas excepcionaes aos seus difficillimos papeis é... como diremos?... perfeita. Perfeita, sim... mas *perfeita* não dá ainda uma idéa d'esse notabilissimo trabalho. Vá, no entanto esse adjectivo á falta de melhor.

A visita de Sartory (Andó) a *Frou-Frou* (Duse) no 4º acto e a morte d'esta, no quinto, as duas scenas capitães da peça, foram feitas de modo assombroso de sentimento e de verdade.

*Frou-Frou* é de si mesma uma peça de raro valor, excepcionalmente bella.

Como obra litteraria e como estudo psychologico, vale mais a nosso ver do que a *Fedora*, de Sardou, e a *Denise*, de Dumas. Mas *Frou-Frou*, representada como o tem sido pela Companhia Rossi — Duse-Checchi, com aquelle admiravel conjuncto, é uma delicia, um presente divino. Infelizmente os annuncios da empreza deram essa segunda representação de *Frou-Frou* como sendo a ultima. Que pena!

Hoje — *Maitre de Forjes*. E' aproveitar. A companhia deve partir para S. Paulo a 2 ou 3 do mez proximo.

#### SANT'ANNA

A empreza Simões continúa a fazer representar n'este theatro o repertorio da extincta companhia de que era empregaria a Sra. Apollonia. A *Os Filhos do Capitão Grant* que tem agradado como na primitiva, seguir-se-ha o conhecido drama *Noites da India*. Logo que tenha inteiramente prompto o seu repertorio, a companhia partirá em excursão pelas provincias do sul.

A companhia d'este theatro, a *troupe heleriana*, tem agradado em S. Paulo, mas não tem alcançado successos extraordinarios, d'esses de pasmar.

Não são facéis de satisfazer os paulistas. Mas Guilherme de Aguiar — o nosso grande Guilherme —, Vasques e Rosc Meryss têm tido as honras que lhes são devidas. *A tout seigneur...*

A bicharia do Salvini está fazendo furor na Praia Grande. Aquella é que é terra para a arte dramatica!

No Recreio apertaram-se os ensaios do *Conde de Monte Christo*, um drama *comme il faut...* para quem gosta de dramas-sarrabulhos. Ha de fazer carreira.

Na proxima semana deve ter lugar no Recreio Dramatico a recita dos traductores do — *No Seio da Morte*, Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida.

Nesse espectáculo tomarão parte os grandes artistas da companhia italiana — Duse-Checchi e Flavio Andó.

## FACTOS E NOTICIAS

Falleceu nesta côrte a 118 do corrente D. Justina Maria do Espirito Santo, mãe do Sr. José do Patrocínio, proprietario e director da *Gazeta da Tarte*. Nossos pezames ao collega.

Falleceram:

Nesta corte, e na idade de 21 annos, a Exma. Sra. D. Alice Gomes de Oliveira, filha do Sr. commendador Manoel Gomes de Oliveira; o coronel do 7º batalhão de infantaria Antonio Pedro da Silva, que fez saliente figura na companhia do Paraguay; o monsenhor Bernardo Lira da Silva; o 1º escripturario da repartição geral dos telegraphos Americo Martins Peres.

Em Rezende, o engenheiro Loopoldo Dufour.

No Pará, o maestro Henrique Eulalio Gurjão; o empregado do correio Manoel Pereira Mendes; D. Virginia de Paula Aguiar; D. Maria da Purificação Paes de Andrade e o empregado publico José Alves de Menezes.

No Ceará, o capitão Innocencio Francisco Braga; D. Maria Luiza Monteiro e o major Joaquim da Frota de Vasconcellos.

Na Bahia, Aurelio José de Miranda e o capitão Jeronymo da Rocha Passos.

#### NOVO MINISTERIO

Havendo o Sr. conselheiro Saraiva resolvido, depois da conferencia ministerial realisada a 14 do corrente, pedir a demissão collectiva do ministerio, apresentou S. Ex. no dia 16 esse pedido a S. M. o Imperador. Sua Magestade desejou ouvir os presidentes da Camara e do Senado. Ouvidos estes, mandou Sua Magestade chamar o Sr. conselheiro Paranaguá. Não aceitando este a incumbencia de organizar novo ministerio e declinando a de apontar substituto, mandou Sua Magestade, no dia 19, chamar o Sr. barão de Cotegipe e encarregou-o de organizar ministerio.

S. Ex. aceitou o encargo e a 20 apresentou ao Imperador a seguinte organização ministerial:

Presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, senador barão de Cotegipe.

Ministro do imperio, senador barão de Mamoré.

Ministro da justiça, senador Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

Ministro da fazenda, deputado Francisco Belisario Soares de Souza.

Ministro da marinha, deputado Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves.

Ministro da guerra, senador João José de Oliveira Junqueira.

Ministro da agricultura, commercio e obras publicas, deputado Antonio da Silva Prado.

O ministerio apresentar-se-á hoje a S. M. o Imperador, e na segunda-feira ás camaras

Contáram-nos que ao carro do Sr. ministro da marinha, ao passar pela rua Sete de Setembro—ou outra—partio-se-lhe uma das rodas e virou, despejando o ministro, ainda fresquinho, como pão sabido ha pouco do forno.

Cuidado, Exm., cuidado!

Isto de cahir logo no começo, mal a gente subio, não é das melhores cousas.

Os capoeira-festejaram a seu modo o acesso dos canservadores ao poder.

Desembestaram por essas ruas e por esses largos que foi um Deus louvado.

Emquanto uns atiravam foguetes e outros distribuiam, — mentalmente, é claro — o pão de Loth do orçamento pelos seus compadres e amigos, os *Nagôas* e *Guayamús* expandiam o contentamento que lhes pinooteava na alma, rachando-se mutuamente as cabeças e furando as pansas adventicias e circumjacentes.

Assim foi que na noite de ante-hontem esses *manifestantes* da peor especie percorreram varios districts, pintando o diabo... com sangue. Na rua dos Andradas foi envolvido no sarilho um menino, caixeiro, e ferido com profunda navalhada na verilha esquerda; ferimento de que veio a morrer instantes depois.

O *Jornal do Commercio* disse, na gazetilha referente ao facto que alguns d'esses heroes da navalha «gosam de protecção....»

E não mentio o *Jornal*.

Visto isso, *recommencez, messieurs les assassins*, como dizia o Alfonse Karr....

## TRATOS Á BOLA

Recebemos 12 cartas com decifrações referentes aos *tratos* ultimos. Vieram firmadas pelos seguintes tratistas: *Cajú*, *Valerius Madilena*, *Mysticus*, *Josephina B.*, *Fricinal*, *Vassico*, *Jozáinho*, *Oridivo*, *Antonico*, *Martinho d'Ara*, *Anastacio Cheira-Cheira*, *Nemo* e *Pépe*.

D'estes acertaram: *Cajú*, *Valerius Madilena*, *Antonico*, *Martinho d'Ara* e *Pépe*.

Ab scoitou o primeiro premio o Sr. *Cajú* e o segundo o Sr. *Valerius Madilena*.

O Sr. *Martinho d'Ara* mandou-nos as decifrações em um soneto, mas um pouco tarde. Por isso, como não podemos dar-lhe algum dos premios, publicamos-lhe o soneto.

Aqui vai elle:

« Encontrei-a n'um templo da cidade,  
A orar, a orar, com célica expressão  
Talvez pelo finado, que em verdade  
O anel de esposo, lhe adornava a mão.

Seu nome? adivinhei-o — *Caridade* —,  
Ao dar a um pobre com que ter um pão;  
Tinha um *iman* no olhar — a felicidade —,  
Que a pratica nos dá de nobre acção.

Ah! se eu fóra rapaz guapo, chibante,  
E forte, qual *Nabucodonosor*,  
Ella seria a minha doce amante...

Preso ao *sipó*, qual parasita em flôr,  
Com ella pelo mundo iria avante  
Beber o fluxo da *maré* de amor. »

Muito bem. Eis pois as decifrações da antiga—*Caridade*, da em quadro—

Rima  
Iman  
Mare  
Anel

das invertidas — talvez (*Vestal*) raro da calimbarguesca *sipó* e do enigma (*Orar*), alphabetico *Nabucodonosor*.

Para hoje temos as seguintes tratices:

#### TELEGRAPHICAS

3—Patota prega-se.  
3—Remador é homem.

## EM QUADRO

Cuida lo! olha este buraco.  
Que és da flôr original.  
Na urna valho um pataco.  
Somos feitos de metal!

## CALIMBURGUESA

Qual a nota pestilenta que ataca os  
bronchios?

## NOVISSIMAS

1-2—Não sou numero porque me  
falta uma letra, mas sou metal que  
guarda metaes.

1-1-1-1—No tribunal o fim do doce  
com esta letra e mais esta está na torre.

## QUEBRA-CABEÇAS

Malta, Souza, Peres, Cardim, Ignacio,  
Alonso, Alvares e Nabuco.

Colloquem-se estes nomes em colum-  
na, de modo que, com as iniciaes se  
obtenha o nome de uma cidade brazi-  
leira.

## PREMIOS

São de arregalar o olho:  
Ao primeiro decifrador exacto um  
exemplar dos *Quadros e contos*, de Va-  
lentin Magalhães: ao segundo um  
romance de Balzac.

Ein? Ora digam se não é generoso  
D. PASTEL.

## RECEITAS CULINARIAS

## OMELETTE

(A ARTHUR DE MENDONÇA)

Do restante de aves e caça do jantar  
da vespera, separe-se dos ossos a carne  
aproveitavel; corte-se esta bem miudo  
e tambem um pouco de figado de porco,  
previamente cosido, e addicione-se-lhe  
salsa, cebola e cerefolio.

Faça-se frigar em manteiga rim de car-  
neiro ou de vitella cortado em pedaci-  
nhos, junte-se-lhe uma boa porção de  
vinho Madeira, algumas gottas de vina-  
gre, um pouco de caldo (ou agua quente  
em falta de caldo), cheiro, louro, sal,  
pimenta e uma cabeça de cravo, deixe-se  
fervir durante meia hora e engrosse-se  
com um pouco de farinha, anterior-  
mente desfeita em agua para evitar o  
encarocamento.

Na occasião opportuna batam-se bem  
alguns ovos, nunca mais de doze, e dei-  
te-se-os em uma frigideira sobre a man-  
teiga bem quente e em quantidade bas-  
tante para que não os deixe queimar;  
quando a omelette apresentar bastante  
consistencia na parte inferior, despeje-  
se-lhe tudo junto, a carne, o figado e o  
rim, e dobrando-a rapidamente faça-se  
servir a omelette em quanto quente.

Por cima beba-se um calix de bom  
vinho de Alicante secco (Hespanha) ou  
de Clos-Vougeot (Bourgogne) e depois é  
chorar por mais.

## RECEBEMOS

— Dos Srs. Henri Nicoud & C.:— *La Saison*  
n. 15 (1º de Agosto), *La Mode Illustrée*, ns. 30 e  
31 (de 26 de Julho e 2 de Agosto), *Le salon de  
la mode*, ns. 30 e 31 (das mesmas datas) *La Re-  
vue Politique et Littéraire*, n. 4 (Tomo 36.) E' real-  
mente util e agradável assignar essas re-  
vistas por intermedio da casa *Au Petit Journal*;  
serviço regularissimo, quasi electrico!

— *O homem perante a historia natural*. Diser-  
tação lida na inauguração das conferencias  
populares no collegio Sete de Setembro, Ma-  
ceió, pelo Dr. João Francisco Dias Cabral.

— *O homem de quatrocentos annos*, fasciculo 4º  
— *A Estação*, N. 15, anno XIV. Jornal de  
modas parisienses dedicado ás senhoras bra-  
zileiras,

— *Elle e Ella*, novella por Domingues da  
Silva; pertence á Bibliotheca Romantica.

— *O Cadastro da Policia*, fasciculo n. 26..

— *Relatorio do Lyceo de Artes e Officios*  
apresentado á Sociedade Propagadora das  
Bellas Artes pela Directoria de 1884.

— *Jornal das Crianças*, n. 3. Muito engraçado  
e infantil. Continue colleginha a visitar-nos  
porque é recebido com especial agrado.

— *Requerimento* que a congregação dos len-  
tes da facultade de direito do S. Paulo faz ao  
poder legislativo contra o regimen que foi  
dado á facultade de direito.

— *Estatutos da Sociedade Beneficente e Ins-  
tructiva Eduardo de Lemos*.

— *A Democracia*, n. 1 (S. Paulo) publicação  
semanal.

Propõe-se a defender a causa do abolicio-  
nismo e da democracia. Traz este numero o  
retrato do illustre senador José Bonifacio. A  
secção abolicionista está confiada ao Dr.  
Fernandode Albuquerque.

Desejamos ao novo collega mil prosperi-  
dades.

— *O Pharol*, n. 1. Desejamos ao novo col-  
lega vida rica e prolongada.

— *Le Brésil*, n. 1. Traz bellissimos artigos fir-  
mados por Santa Anna Nery, Ribeiro Silva e  
outros.

— Do Sr. Dr. Moncorvo um folheto sobre o  
emprego do chlorhydrato de cocaina, no  
tratamento da coqueluche.

— *A Vespa*, n. 27 — Muito bem desenhada.  
Poderá! se *Alfnete* é o sen lapis. Quanto á pi-  
lheria com a pilheria que é de *Ralpho* pedimos  
á colleginha que nos diga qual o jornal do  
interior d'onde a extrahimos e antes d'isso fi-  
que sabendo que está em maré de... caipo-  
rismo. Pihámol-a e logo na primeira pagina  
que se orna com uma illustração que tem por  
idea uma idea nossa, bem nossa. Vide a *His-  
toria dos sete dias*, n. 19 onde se lê entre outros  
este topico: «Aluga-se uma loja na rua do Ou-  
vidor, forra-se de panno vermelho, inuito  
bem forradinha, collocase uma cadeira ao  
fundo e o Sr. Saraiva presta-se a estar sen-  
tado nessa cadeira duas ou tres horas por  
dia, em exposição,— a tostão por cabeça.»

Ah, colleginha!... E agora? E' consolar-se  
com o seu texto que é bem escripto.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-  
lhães, é encontrado todos os dias, das  
10 horas da manhã ás 4 da tarde, no  
seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá — Espec.  
Syphilis e molestias das crianças. Con-  
sultorio:—rua Primeiro de Março, 22-  
de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—  
rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, francez e Inglez  
—Professor Rodolpho Porciuncula. Re-  
cados nesta folha.

## ROUPA

Recebem-se roupas para lavar e engo-  
mar, garante-se o trabalho.

RUA DO RIACHUELO 43 A

DR. F. PESSANHA  
CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT  
INSTRUÇÃO SECUNDARIA

E  
COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

DR. ARAUJO FILHO  
MEDICO PARTEIRO

RÉSIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

## OBRAS

à venda no escriptorio desta  
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS

por 2\$000.

COLOMBO E NENÊ

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow,  
1\$000.

## TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA,  
ultimamente montada, dis-  
pondo de uma boa escolha  
de typo inteiramente novo,  
aceita quaesquer encom-  
endas de obras, poesias,  
jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

AU PETIT JOURNAL  
ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES  
Especialidade em artigos propios para presentes  
COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ  
HENRY NICOU & C.  
Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira  
"LA SAISON" de Paris  
Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisi-  
enses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os  
recebem.  
A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.  
27 Rua dos Ourives 27  
RIO DE JANEIRO